

CIGANENSES NU ESPELHO:

Apontamentos iniciais da tradição circense entre os Povos Ciganos Calóns com a família Fernandes no picadeiro do circo brasileiro

Roi Rogeres Fernandes Filho¹
Fabio Dal Gallo²

RESUMO

Para resumo do espetáculo, considero que a história do circo no Brasil não seria a mesma sem a contribuição dos Povos Ciganos, sejam das etnias Calon, ROM, Sinti, Kalderash... Esses “inexoráveis laços” se mostram firmes por meio das imbricações entre diversos elementos comuns, as filosofias, os modos de organização, de características e tradições sócio-culturais, incluindo a itinerância, a presença das lonas coloridas, as habilidades com as mais diversas linguagens artísticas e animais. Tomando a autoetnografia e a pesquisa bibliográfica por métodos de montagem deste circo, interessa apresentar no picadeiro breves considerações e reflexões críticas da tradição circense entre os Povos Ciganos da etnia Calon, utilizando o exemplo família Fernandes, uma dinastia cigana-circense, ora denominados de “ciganenses”. A voz aqui é de um cigano estudante de tradição familiar circense. Assumo, portanto, o lugar de defensor dos Povos Ciganos e do circo itinerante. Levantam-se as cortinas, e tenham todos/as um excelente espetáculo!

Palavras-chave: Ciganenses; Ciganos; Circenses; Circo Itinerante; Autoetnografia.

RESUMEN

Para resumen este espectáculo, considero que la historia del circo en Brasil no sería la misma sin las contribuciones de los pueblos romaníes, ya sean de las etnias Calon, ROM, Sinti o Kalderash... Estos "lazos inexorables" se fortalecen mediante el entrelazamiento de diversos elementos comunes: filosofías, métodos de organización, características socioculturales y tradiciones, incluyendo la itinerancia, la presencia de lonas coloridas y la destreza con una amplia variedad de lenguajes artísticos y animales. Basándome en la autoetnografía y la investigación bibliográfica sobre los métodos empleados para la puesta en escena de este circo, me interesa presentar breves consideraciones y reflexiones críticas sobre la tradición circense entre los romaníes de la etnia Calon, tomando como ejemplo la familia Fernandes, una dinastía romaní-circense, ahora nominadas "ciganenses". La voz aquí es la de un estudiante romaní con una tradición familiar circense. Por lo tanto, asumo el papel de defensor de los romaníes y del circo itinerante. ¡Se levanta el telón y que todos disfruten de un excelente espectáculo!

Palabras - clave: Ciganenses; Gitanos; Artistas de circo; Circo itinerante; Autoetnografía.

¹ Cigano da etnia Calon e tradição circense. Jornalista, multiartista e cineasta. Doutorando em Artes Cênicas no PPGAC/UFBA, com pesquisa autoetnográfica acerca da contribuição cigana para o circo brasileiro, com bolsa da CAPES. Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU/IHAC-UFBA, 2023), onde estudou políticas afirmativas para Povos Ciganos. É membro do Grupo de Pesquisa Circensis e do Observatório da Vida Estudantil (OVE).

² Professor da Escola de Teatro da UFBA, docente do PPGAC/UFBA e PROF-ARTES. Graduado em Economia Política e Mestre em Ciências Sociais pela Alma Mater Stodiorum (Universidade de Bolonha - Itália), e doutor em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA, 2009). Integrante do grupo de pesquisa Circensis e GIPE-CIT. Artista de números circenses, com experiências em circo, teatro educacional e de comunidades. Esse texto teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil, por meio da Chamada Pós-Doutorado Sênior - PDS 2023

Abre-se as cortinas: introdução

Para início do espetáculo, abrimos as cortinas pressupondo que o Circo itinerante no Brasil, quiçá no mundo, é uma criação fecundada pelos Povos Ciganos. Partimos desta especulação, porque há registros documentais, historiografias e pesquisas científicas que apontam os diversos grupos étnicos ciganos/as, dentre Calóns, ROMs, Sintis, Kalderashes, etc, independente de suas origens, ao serem perseguidos e expulsos de países da Península Ibérica e toda Europa, ainda que em tempos diferentes, trouxeram em seus baús uma incomensurável riqueza artística, em que as artes do ilusionismo, a doma e dança com ursos e outros animais, as cantorias, bailados, musicalidade, dramatização e outros números, já eram apresentados no período colonial, seja nas festas da corte portuguesa, e posteriormente nas praças coloniais de Salvador e Rio de Janeiro, tão logo aqui chegaram, por volta de 1574 (MENINI, 2021; TEIXEIRA, 2009), cujas presenças se intensificaram durante o século XVI, na medida em que as políticas persecutórias aos ciganos se estendiam, e mais especificamente, no século XVII, onde diversos historiadores já acessaram documentos que registram essas presenças indesejadas por uns/as e admirada por outros/as. Fascínio e repulsa, desde então, são sentimentos comumente despertados quando se trata dos povos ciganos brasileiros, constatação observada através de estudos de documentações históricas da Igreja católica, assinadas por autoridades e instituições públicas da época.

Primeiro autor deste artigo, cumpro, antes de aprofundar o tema, o dever de honestidade intelectual - ética na pesquisa, e com Povos de Comunidades Tradicionais (PCTs), declarando crença na impossibilidade da neutralidade e imparcialidade na ciência, e similarmente a Aluizio de Azevedo Silva Júnior (2018, p.29, grifo nosso), estou e sou:

Um cigano que ocupa o papel de pesquisador aberto ao aprendizado e ao diálogo acadêmico-científico, que respeita suas regras e limites, mas sabe de que lado está e deixa isso muito bem explícito: **o lado dos ciganos!**

E mais especificamente, do lado dos ciganos circenses, denominados aqui de “Ciganenses” - termo construído pelo Coletivo Ciganagens, de abrangência nacional, reúne pesquisadores e artistas ciganos de diversos estados. Importa destacar, trata-se do tema de pesquisa do doutorado em itinerário no primeiro ano de estudos, a cumprir aqui o objetivo de apresentar no picadeiro, breves considerações da tradição circense entre os Povos Ciganos da etnia Calon, utilizando o exemplo família Fernandes, uma dinastia cigana-circense, circulando a pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, a partir de provocações, arguições e especulações embrionárias, da revisão de literatura - estado da arte já produzida, em aliança

com o método autoetnográfico. Para fins de compreensão deste, o sociólogo Silvio Matheus Alves Santos (2017), ajuda a explicar o sentido de autoetnografia:

[...] A palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato ('escrever'), sobre um grupo de pertença ('um povo'), a partir de 'si mesmo' (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, p. 218).

Por Dal Gallo (2012), é relevante a autoetnografia, configurada quando o pesquisador textualiza, ou seja, escreve acerca de e/ou com o seu próprio grupo de pertença. "Este tipo de método oferece uma posição e uma emotividade típica, além de um explícito julgamento no trabalho de campo, tendo pouca distinção entre pesquisador e pesquisado" (Dal Gallo, 2012, p. 7). Isto é, autoetnógrafos/as são a um só tempo, autores/as e sujeitos/as da pesquisa, rompendo com os paradigmas positivistas eurocentrados da ciência hegemônica, em que grupos sociais e tradicionais estão contidos na categoria de meros objetos. Sugestionando a escrita em primeira pessoa, em forma criativa, performativa, reflexiva, poética, capaz de proporcionar o encantamento, assim, "autoetnografar implica, em alguma medida, denunciar, manifestar ou até mesmo revelar situações vivenciadas a partir das memórias de experiências vividas" (FERNANDES FILHO; SANTOS, 2023, p. 314). Destarte, "Ciganenses Nu Espelho" faz referência e alusão a esta.

Nesse sentido, este se insere no rol dos estudos contracoloniais, conforme propõe o autor Quilombola, Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo (2021; 2023). Essa postura justifica-se em função de que da mesma natureza das comunidades Quilombolas, o colonialismo não triunfou completamente com os Povos Ciganos, historicamente resistentes aos modos impositivos coloniais de existências de vida e organizações sociais grupais e familiares, como nos mostra a historiografia (ver Karpowicz, 2018).

Toma-se de empréstimo reflexões do Nêgo Bispo acerca do conceito de contracolonialidade enquanto chave teórico-metodológica, seus possíveis significados, e mais do que isso, a atitude e o pensar contracolonial. Porque a colonialidade nos molda, nos forma, mas a coletividade é o que nos mantém de pé. Para além da concordância de que a colonialidade ainda segue o seu curso quando observamos os resquícios e as notáveis desigualdades de oportunidades nas sociedades, possíveis de serem percebidas na ausência e ocupação de espaços de poder e liderança, de autoria na literatura, cargos da política, etc, que seguem nas mãos das mesmos perfis sociais, digo, o racismo estrutural, e no caso dos Povos Ciganos circenses - sujeitos e autor da pesquisa em curso, o anticiganismo (ver Guimarães, 2012) estrutural, reflete-se no fato de que a colonização não logrou total êxito com determinados

PCTs, que sempre deram um jeito de resistir e preservar suas culturas, costumes e tradições. A exemplo dos ciganenses da família Fernandes.

Este é o caso também dos/as ciganenses da etnia Calon, já que se trata de povos sobreviventes dos degredos da então metrópole, Portugal, das expulsões e perseguições autotitárias, justamente por não sucumbirem às leis e normas sociais apregoadas na época e até hoje, não por acaso, os/as ciganos/as são muitas vezes tidos e se autoconsideram apátridas. Tal como quilombolas e outros grupos étnicos, a exemplo de etnias indígenas, que conseguiram a duras penas o milagre da preservação cultural, identitária e tradicional, livrando-se, em parte, de alguns dos atos nocivos da colonização. Até os tempos em curso, nunca conseguiram prender, privar da liberdade cultural e tradicional, ou fazer com que os Povos Ciganos seguissem às culturas dominantes e suas regras. O Brasil não fugiu a esta, ao contrário, é bem por isso, seguimos sobrevivendo pela via de estratégias presentes nos saberes tradicionais, da ancestralidade e oralidade, da memória viva, dos conhecimentos orgânicos, das táticas, do saber da natureza, da vida em comunidade, pela notável capacidade de agrupar, com valores de solidariedade (Silva Júnior, 2018), prosseguir juntos, sendo, portanto, uma forma de proteção conjunta, uma unidade coletiva na diversidade (FERNANDES FILHO; KARPOWICZ, 2021). A coletividade e o agrupamento das comunidades ciganas nos enfrentamentos coloniais, certamente confere força, resiliência e resistência, e pode também apontar como a tradição circense itinerante resistiu firme até aqui, no processo de retomada em curso. Ademais, a colonialidade reduz experiências distintas, a uma comum, unificando sujeitos múltiplos entre si, quando sabemos que atingiu e segue atingindo as raças e os mais diferentes PCTs e suas interseccionalidades (COLLINS, 2017), de formas e em níveis diferentes.

Em concordância com Nêgo Bispo (2023, p. 102, grifo nosso), “Somos povos de trajetórias, não somos de teoria. **Somos da circularidade: começo, meio e começo.** As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta, é o começo de novo”. E neste caso, “Ciganenses Nu Espelho” é uma pesquisa de tal forma existencial, que me acompanha desde a mais tenra infância. Isso porque nasci em 1988 debaixo das lonas do Circo Mexicano, pertencente ao meu pai, Roy Rogeres Fernandes, que Deus ao seu lado o preferiu. Cresci bebendo água de lona, na redoma da família ‘Fernandes’, uma das mais tradicionais de Ciganos Calóns (etnia Calon) - circenses do país, tendo atualmente os circos Irmãos Fernandes (Fernandes Circus), Indianópolis, Miraculous, Holiday Internacional, Circo do Palhaço Futuca (Mega Circus), Las Vegas, Big Brother, Kiara Circus, entre outros, membros desse grupo entre seus empreendedores, fundadores e/ou artistas do elenco. Muito antes disso, vieram outros circos, como veremos adiante.

Durante a infância e a adolescência, dei vida ao palhaço “Xexéuzinho”, tendo subido no picadeiro aos cinco anos, inspirado e em homenagem ao meu avô, José Paulo Fernandes, o palhaço “Xexéu”, da primeira geração. Portanto, toda e qualquer tentativa que ora faço, extrapola a interface e a mediação entre mundos tão opostos: dos/as ciganos/as de tradição circense, e os/as não-ciganos. Por isso, considero a autoetnografia um método pertinente, apostando que o seu exercício advoga em favor do surgimento de uma dupla epistemologia cigana-circense nas Artes Cênicas, originando quiçá uma “Filosofia Ciganense”, enquanto conceito prático- teórico, capaz de unir a vida e as artes ciganenses, com seus/as fazedores/as, ausentes das literaturas disponíveis até aqui. E quando presentes, envoltos em uma fumaça de exotificação, misticismo e estereótipos (Macêdo, 2021), sendo esta uma missão de vida, construída também pela via da pesquisa científica.

O presente estudo aponta a indissociabilidade histórica dos Povos Ciganos com o circo itinerante no Brasil. Ao evidenciar discriminações e ausência de reconhecimento pleno e valorização da tradição circense entre os Povos Ciganos na literatura correlata, sugere-se a necessidade de produção de novos estudos prioritariamente autoetnográficos, com o intuito de desqualificar narrativas negativas produzidas sobre os ciganos e circenses ao longo dos séculos, a partir de autores/as pertencentes a essas comunidades tradicionais, assumindo lugares de protagonismo no picadeiro da ciência.

Antes de acender as luzes, **es pe cu lar** deixa de ser tão somente um verbo intransitivo, e alcança a condição de número do circo, de ação motivadora de pensamentos e reflexões críticas, cujos fundamentos passam por conjecturas históricas, e principalmente, pela memória viva das histórias contadas por tradição oral - trunfo que permite até hoje a preservação de línguas, costumes e culturas. Crê-se na tradição circense e o circo vivamente erguidos com, através, e pelos Povos Ciganos Calóns do Brasil. ‘Senhoras e senhores, respeitável público, começa agora o nosso **es pe tá cu lo!**’.

No baú das tradições ciganas, o circo itinerante!

A natureza itinerante também é um grande estímulo ao confronto e ao diálogo: sob a lona coexistem diferentes maneiras de ver o mundo. Mulheres e homens com diferentes origens e credos se alternam e se encontram, o que contribui para valorizar a comunidade. A proteção dos próprios hábitos, muitas vezes vivida de maneira intensa e ostensiva, anda de mãos dadas com o respeito pelas realidades locais que se encontram. Em suma, a viagem garante ao circo uma respiração atenta à universalidade. Dentro do círculo de serralagem, há um equilíbrio milagroso entre a força centrípeta e a centrífuga (Serena & Dal Gallo, 2020, p. 24).

Autores/as ciganólogos/as e estudiosos/as do circo, a exemplo de Torres (1988), Teixeira (2009), Moonen (2011), e mais recentemente, Menini (2021), Andrich Cari et al.

(2022), Lopes Carvalho et al. (2025), assinalam o circo nitidamente demarcado nas culturas ciganas. A tradição/imposição da itinerância, as tendas de lonas feitas de barracas para moradias, o colorido característico dos Povos Ciganos, além da alegria e a destreza com animais, com a natureza e praticamente todas as linguagens artísticas, sempre foram traços de identidades que chamavam e seguem despertando atenção de pesquisadores, curiosos/as e estudiosos/as destas etnias, gerando a necessidade de mais estudos dos contributos dos Povos Ciganos para o circo no Brasil. Ainda que timidamente, grande parte dos estudos e pesquisas da literatura dos/as ciganos/as brasileiros/as e no mundo, demarcam o traço circense nessas populações.

Projetando luz à Menini (2021, p. 162), “não existiria circo sem ciganos no Brasil!”. Em suas descobertas de pesquisa histórica-documental, essa autora dialoga acerca da participação dos ciganos/as em espetáculos culturais nas praças do Rio de Janeiro e de Salvador, confirmando a presença dos Calóns em eventos oficiais da época colonial, apresentando números circenses e adestramento de animais em praças públicas e touradas. Entre os/as ciganos/as contribuintes para as artes circenses, diversas famílias foram e continuam sendo proprietárias de circos, ou então trabalhavam em circos que circulavam no Brasil e outros países Sul e Centro-americanos, concordante à cigana circense Andrich Cari et al. (2022).

Já os circenses ciganos de origem europeia, que chegaram a partir de meados do século XIX, pertencentes às etnias ROM, Kalderash e Sinti; as famílias Wassilnovitch, Stancowich, Stevanowich (comprovadamente Kalderash de origem húngara), e Robotini- que veio em parte da Itália e outra da Romênia, e segue com alguns de seus circos-ciganos armados e itinerantes. Os maiores circos pertencentes a famílias ciganas no Brasil seriam: Circo Orlando Orfei (sinti - subgrupo manouches italianos); Circo Norte Americano (família Stevanovitch); Circo Nova York (João Augusto Micalovitch), Circo México (Ronaldo Evans – kalderash americano), (BUENO, 1990; SILVA, 1996; TEIXEIRA, 2009). A partir desse momento “essa consolidação parte para um outro modo de fazer circo-não só no Brasil, mas em outros países no Sul da América - onde a junção de ideias, experiências e estéticas entre famílias europeias e ciganos se cruzam e configuram o nosso circo” (Dias, 2024, p. 49).

Um exemplo destaque de ciganense detalhadamente estudado na pesquisa de Sanchez Silva (2006), foi Zuka Sbano (1923), da etnia Kalderash, família que migrou da Itália para o Brasil, tendo armado circo por São Paulo durante décadas, onde as novas gerações seguem promovendo as culturas cigana e circense em festas e eventos (FERNANDES FILHO, 2023). “Mas antes da chegada dessas companhias circenses por aqui, já existiam grupos de artistas

circenses, ciganos que chegaram ao Brasil por causa das fortes perseguições na Península Ibérica, e eles andavam por várias cidades manifestando suas destrezas” (Dias, 2024, p. 48).

Reforçando, no picadeiro do circo Menini (2021, p. 167, grifo nosso):

A própria estrutura das lonas dos circos se assemelha às tendas ciganas: coloridas e itinerantes. Na contemporaneidade, inúmeros artistas de etnia cigana trabalham em ramificações do circo. Esses artistas são os “andarilhos da alegria” que através de seus trabalhos artísticos levam entretenimento e encanto pelo Brasil afora. Portanto, é importante compreender a intrínseca relação dos ciganos com o circo em perspectiva historiográfica. **Afinal, não se pode falar de história do circo no Brasil sem mencionar as contribuições dos ciganos para as artes circenses no país.**

E, para os aplausos da plateia, os circos ciganos da família Fernandes vêm resistindo há décadas, tendo o circo Holiday Internacional, completado neste 2025, quarenta anos de existência, sendo mais longevo. A tradição circense na família teve início por volta dos anos 1920, através da matriarca, D. Maria Cigana, que inaugurou o circo Xibiu. Depois, passou a se chamar circo Uberlândia. Posteriormente, os filhos e netos fundaram outros circos, a exemplo do Real Argentino/Arte Palácio, D’Líbano, TransBrasil, Norte Americano (circulante principalmente no Nordeste), Libanês, Húngaro, Carrossel e Coliseu.

Tomando de exemplo os/as Fernandes, composta por cigano/as da etnia Calon - tronco étnico de relevante expressão no Brasil, e cujos circos seguem itinerantes principalmente na região Nordeste, interessa acrescentar esse grupo de ciganenses no rol dos estudos relacionados aos Povos Ciganos e ao circo, suas contribuições no passado, haja a vista a supracitada longevidade da família nesta tradição, mas sobretudo no presente, marcado pela resistência de uma dupla cultura milenar, que enfrentam ainda duplos desafios em termos de invisibilidade, preconceitos, estigmas, estereótipos, ostracização, perseguição, ausência de reconhecimento e de valorização, tanto na literatura quanto no campo das artes cênicas.

Sabe-se que esses são enfrentamentos comuns os Povos Ciganos no mundo, mas quando se trata de ciganenses, se amplificam, ampliando também suas capacidades de superação para manutenção dos circos, que seguem de pé, através das novas gerações, que assumem compromissos de dar continuidade a tradição familiar, único meio de sustento de muitas famílias e artistas. A título de exemplo, considerando apenas os circos Holiday Internacional e Mega Circus, são cerca de cem artistas sobrevivendo com, por, e através desses equipamentos, fortemente vivos, notadamente nas pequenas cidades do Nordeste.

Voltando aos achados históricos, é quase um consenso entre autores/as e pesquisadores/as encontrados na feitura do estado da arte deste tema, que membros desses grupos participavam, além de espetáculos independentes itinerantes como saltimbancos em praças, a notável presença desses artistas em festejos, quermesses, feiras e outras cerimônias e

circunstâncias promovidas pela Igreja Católica. A ponto de, aos poucos, passarem a ser indesejados pela amplitude da atenção e “escandalização”, que provocavam, por suas características alegrias e festividades, com apresentações de danças, regadas a bebidas, música e divertimento, o que ia de desencanto ao apregoadado enquanto modos sociais e comportamentais a serem seguidos na sociedade da época (Torres, 1998); (Menini, 2021), bem se vê que a diversão e a alegria, sentimento que une os mais diversos PCTs, já era fortemente condenada e combatida.

Uma amostra disso, segundo Torres (1998) e Menini (2021), por volta do século XVII (1.700), padres e lideranças católicas escreveram sobre a presença dos/as ciganos/as nessas ocasiões, ordenando que não mais deveriam participar de tais festejos, por desviarem dos objetivos catequistas. Com isso, por sua natureza contra a ordem, costumes e formas de organizações sociais distintas, passaram a realizar essas apresentações dentro dos próprios acampamentos, que outrora armavam nas proximidades das igrejas. Com tendas feitas de panos, tecidos, sacos e materiais semelhantes às lonas que hoje conhecemos por “estopa”, essas estruturas ficavam cada vez mais pequenas diante do público que desejava assistir às manifestações artísticas dos/as ciganos/as. Então, foram ampliando a dimensão para caber o povo, até que o céu deixou de ser a cobertura cativa, e elevaram a lona ao topo. Ou seja, o circo já se notava em formatos similares às tendas e barracas ciganas, inicialmente, sustentados com madeira, ferro ou mastro ao centro, e foram sendo ampliadas, tornando-se muito semelhantes, senão, idênticos ao que observamos hoje, tanto os tipos de barracas quanto de circos. Isso sem esmiuçar as similitudes das tendas com as marquises características e presentes no circo. “Podemos observar que o fazer artístico constituía a organização de vida e cultura de variados grupos e subgrupos ciganos, sendo que muitos se tornaram artistas e donos de circos na Europa e nas Américas a partir do final do século XVIII” (Lopes Carvalho et al., 2025, p. 6-7).

Com famílias e grupos numerosos para abrigar, tal como a necessidade de abrigar maior público nas estruturas, ainda que pouco se conheça sobre os costumes ciganos, é impossível não notar a inspiração do circo na própria forma de organização de vida dos Povos Ciganos, itinerantes por natureza, exímios artistas por destreza. Pelo menos neste aspecto, a historiografia da colonização brasileira, minimamente, menciona a presença dos/as ciganos/as nas artes em diversas linguagens desde os primeiros anos da vinda da corte portuguesa, ainda que as histórias e memórias do país, seus povos e culturas, tenham sido escritas pelo Outro, as mesmas mãos colonialistas, cabendo aos próprios PCTs desconfiar para recontá-las em afirmação contracolonial. Bem, meus mais velhos repetidamente diziam e prosseguem afirmando, “o circo é fruto de uma milenar tradição cigana que o trouxe para o Brasil”. Em

palavras outras, é possível especular: queriam ou não, o espetáculo do circo no Brasil e no mundo, também é, e sempre foi, uma tradição cigana!

Os “Laços inexoráveis entre ciganos/as e o circo” - reflexões críticas

Nascida em 1956, a autora ciganesa chilena Andrich et al. (2022), se debruçou especificamente a investigar e documentar as contribuições dos ciganos circenses para o circo chileno, incluindo sua própria família “Andrich”, passando por outros países das américas, com destaque para o Brasil. O estudo abrangente e comprometido, reflete a circularidade dos circos - ciganos, demonstrando as presenças e contribuições ciganas para o circo por toda parte, assinalando o que chama de **“inexorável laço entre os ciganos e a arte circense”** (Andrich et al. (2022, p. 18, tradução e grifo nosso).

Ela se deparou também com reproduções negativas, discriminatórias e estereotipadas dos Povos Ciganos e sua relação com o circo nos registros, referências, documentações e historiografias encontradas sobre o tema. O cenário por aqui não parece tão diferente. Ao contrário, já que na medida em que avanço no estado da arte deste, utilizando diversas plataformas de pesquisas acadêmicas, repositórios institucionais, bibliotecas virtuais, bancos de livros, teses e dissertações, igualmente venho me deparando com esses tipos de referências questionáveis, nas quais denominar de “errantes” é elogio para os/as ciganenses.

Em algumas obras de determinados/as autores/as, sugere-se que por serem grupos frequentemente confundidos, os/as ciganos/as não circenses, herdaram a má fama dos/as ciganos/as. Crendices do imaginário popular construído por lendas, reforçam a marginalização persecutória enfrentada por essas etnias em muitas regiões do mundo ao longo de séculos, por motivos já citados anteriormente. Ao trazer novamente à tona relatos inverossímeis que supostamente foram ditas por terceiros para pesquisadores e estudiosos de outros tempos, os/as ciganenses são comumente atacados por seus costumes, tradições e formas de organizações sociais distintas dos demais. E não para por aí. As referências usadas geralmente estão desatualizadas, são ainda àquelas que corroboram com estereótipos e falácias negativas em torno dos/as ciganos/as, carregados de percepções discriminatórias e preconceituosas, escritas por autores cujas visões seguiam as antigas, colonialistas e poluídas da época. São figuras já bem conhecidos/as e rechaçadas dentre ciganólogos/as, a saber: José Baptista d’ Oliveira China (1936); e José de Melo Moraes Filho (1886), exemplos de referências que não deve continuar sendo reproduzidas quando se fala em ciganos/as brasileiros/as. Contudo, apenas em 2010 (Karpowicz, 2018), novas e outras referências críticas e positivas começaram a se amplificar.

Não obstante, meios de comunicação e mídia, jornais e a imprensa, ao longo dos tempos, conjuntamente contribuíram e ainda corroboram com as percepções negativas e folclorizadas dos/as ciganos/as.

Aqui alertamos, não cabe se referir aos Povos Ciganos brasileiros de forma imprudente, sem autocríticas e atualizações, através do poluído imaginário popular e social repletos de credices e lendas que nada mais são do que anticiganismos velados. Aos que ainda irão recorrer aos trabalhos de autores da área, vale a desconfiança do que se reproduz, para não incorrer nesses erros, estes que até aqui tem afastado os/as ciganos/as dos estudos do circo brasileiro, a exemplo de Dias (2024), que apesar de originar reflexões oportunas conforme descritas anteriormente, e de reconhecer os estigmas na população cigana, talvez, sem perceber, igualmente as reproduziu. Anunciando: Lopes Carvalho et al., (2025, p.16, grifo nosso):

Ciganos e circenses compartilham preconceitos, circulações, hábitos singulares, línguas, tradições e conhecimentos próprios, base e união familiar (intra e interfamiliar), modo de vida coletivo-familiar e a oralidade como forma de transmissão de seus saberes e práticas. A síntese constituída pelas companhias circenses-ciganas resultou na continuidade de muitas dessas características, enquanto outras se modificaram de forma a criar uma fusão própria.

Além de referências reprodutoras de estereótipos, preconceitos e discriminações contra os Povos Ciganos, a escassa literatura da relação cigana com o circo, mal nos traz à lona. Quando citados, de forma escanteada, quanto às relações e laços diretamente entrelaçados de ciganos/as com as artes circenses, cabem em pequenas notas de rodapé, sem fomentar o devido reconhecimento e valorização dos ciganos para a resistência do circo itinerante até aqui, apesar de, como visto, alguns/as historiadores/as e pesquisadores/as dos Povos Ciganos e do circo, explicitarem essa relação diretamente entrelaçada e confirmada através de documentos oficiais de variadas épocas.

No último Seminário “O Circo de Ontem e de Hoje”, promovido pelo PPGAC - UFBA, em 2025, o afamado estudioso do circo, Mário Fernando Bolognese, mereceu os aplausos, quando em uma mesa, dentre muitas reflexões interessantíssimas, deu pistas de que tem fortemente desconfiado de uma certa paternidade do circo dito “moderno”, e que está interessado em investigar ainda mais aprofundadamente. Também tenho me intrigado dessa criação, e suspeitado de que pode tratar-se de um filho bastardo, requerendo exame de DNA. Um legado eurocêntrico da pesquisa em circo, a ser desarmado nos tempos de agora.

Nessa estrada, tenho especulado, o circo e outras das tradições ciganas seguem sem reconhecimento, enquanto são aludidos a “pais” adotivos, geralmente estrangeiros, caso do Inglês Philip Astley (1742-1814), oficial militar da cavalaria inglesa, apontado como o “pai” do circo moderno, tal como vemos hoje, porém, a ele foi cunhado a criação do circo fixo, em

arena, fincado ao chão (NEPOMUCENO, 2013). Após quase cinco anos de ávidas e atentas leituras, desde antes de ingressar e finalizar a pesquisa de mestrado (ver FERNANDES FILHO, 2023), na qual abordo a tradição circense enquanto meio de vida e sustentação de grande parte de um povo, de acessar e destrinchar, esmiuçar diversos estudos e pesquisas historiográficas acerca do circo e dos ciganos, devo relatar que desconfio disso e estou pelo pioneirismo dos Povos Ciganos para armar o circo brasileiro, e no mundo, mesmo criados na base do improvisado, por necessidade e meio de sobrevivência.

Astley se tornou uma espécie de ponto de partida para quaisquer estudos do campo circense, embora esses mesmos reprodutores assinalem também que o próprio o fez com a participação de saltimbancos e ciganos/as (Silva, 2022), que já faziam as artes circenses, e cujas habilidades na lida com cavalos são amplamente reconhecidas e foram partilhadas com exércitos de cavalaria do qual ele era a estrela maior? Habilidade essa que, com cavalos acoplados às carroças, chamados “carroções”, permitiam as mudanças e itinerâncias que fizeram ciganos/as de tradição circense chegar até aqui como antagonistas, artistas - agregados. No movimento de retomada, dou uma cambalhota adiante, para questionar essas histórias criadas e reproduzidas por aqueles que sempre tiveram o poder hegemônico de registrar, documentar, criar memória e escrever sobre tudo e todos/as. Pura estratégia da colonização. Estou pela mudança desses e de outros paradigmas.

Quem também itenera por essa estrada é De Aguiar (2024), ao se opor em contar a história do circo por um suposto princípio, mesmo que reconheça a força persuasiva de certas operações historiográficas, demasiado batidas e criticadas, que estimulam a situar os acontecimentos em uma ordem cronológica, causal e, de preferência, coerente, apresentando assim esta (o)posição:

Primeiro motivo: porque, a rigor, não existem datas e nem locais precisos do surgimento do circo como linguagem artística. O que se sabe é que as artes compreendidas no universo circense – como acrobacias, teatro, música, adestramento, entre outras – remontam a diferentes povos, tempos históricos e demarcações geográficas. Contar essa história do princípio frequentemente resulta em uma genealogia do circo moderno que atribui os créditos autorais à Europa, particularmente à Inglaterra, tomando como referência exclusiva a historiografia europeia e ignorando os saberes circenses que já se construíam há tempos desde a oralidade e o nomadismo (De Aguiar, 2024, p. 6).

Como segundo motivo, “não é possível traçar a origem do circo porque esta é uma linguagem artística que se erigiu na encruzilhada polivalente de vivências, saberes e técnicas” (De Aguiar, 2024, p.7). E mais “não se pode pensar sobre o corpo circense sem pensar sobre hegemonia colonial [...] em outras palavras, sobre os processos sociais que determinam que um ser humano deve se constituir a partir de uma determinada racialidade” (De Aguiar, 2024, p.8).

Pois também a desconfiança e a indignação que me catapultaram até aqui. Se as partilho, é porque não acredito em história unilateral. Não é objetivo neste fazer proselitismo circense, mas provocar o debate e novas reflexões críticas acerca de algo que nos é tão caro e parece ora explicitado: não é possível compreender a formação histórica do circo brasileiro, sem mencionar ou devidamente referenciar aqueles que por aqui lhe deram e seguem contribuindo com vida e forma: os Povos Ciganos! Sem observarmos o quanto as duas culturas ciganas e circenses são tão notadamente convergentes. E não é por acaso ou coincidência, uma é extensão da outra. E vice-versa.

Contudo, é prudente reiterar que não estou inaugurando essa contestação, nem inventando a roda, embora não tenha nada contra tal ato, inclusive, inventar rodas deve ser tão crucificado na ciência por seu poder de trazer ao círculo, vozes, corpos, e existências marginalizadas e excluídas dos debates. Sem saber, ao historicizar os Povos Ciganos cujas artes circenses lhe são aludidas em livros e pesquisas mundo afora, autores/as ciganólogos/as brasileiros/as corroboram com a plantação dessa semente, germinando agora, quando nós ciganenses, deixamos um pouco o picadeiro do circo e passamos a ocupar espaços como a Universidade, o mundo da pesquisa e da ciência, conhecendo o que se tem difundido acerca das nossas tradições e culturas, para acrescentarmos novas percepções historiográficas pautadas na vivência de dentro, sendo, portanto, os maiores interessados/as em recontá-las por nossas vozes, essas histórias que nos cabem e foram roubadas, colonizadas, usurpadas, ditas pelo Outro - **in fan ti li za das**, como nos ensina a transgredir Bell Hooks (2013).

É pela via da oralidade, da memória, da ancestralidade e da tradição do circo repassada por gerações, da documentação escrita, que podemos, devemos e temos o direito de denunciar e reivindicá-las, contribuindo com o processo de retomada dos ciganenses nas lutas por cidadania plena e reconhecimento enquanto críveis artistas, possíveis fundadores e indubitáveis mantenedores da tradição do circo itinerante no Brasil, afinal:

pensar o circo apenas na condição de ferramenta de dominação colonial é esquecer que as disciplinas circenses antecedem a criação do Circo Moderno e ignorar a contribuição poética, artística e pedagógica dos povos originários e afrodiáspóricos para as artes circenses (De Aguiar, 2024, p.9).

No mais, em atitude contracolonial, façamos coro às prospecções de Lopes Carvalho et al. (2025, p. 18, grifo nosso). “Que caminhos se abram para que novos percursos sejam traçados no sentido de **ampliar o estudo sobre ciganos, circenses e ciganos circenses e que possamos com eles aprender e atuar na valorização de suas culturas, artes, práticas e saberes**”.

Desarmando o circo-cigano: considerações em finais

A invisibilização, a exclusão social, política, histórica e da literatura, resulta em desconhecimento compartilhado, e corroboram para o não reconhecimento da humanidade dos Povos Ciganos de tradição circense - ciganenses, enquanto cidadãos que também devem ser considerados e protegidos pela Constituição Federal de 1988. Mas a partir da percepção de dentro, isto é, de dentro para fora, os aspectos positivos das contribuições e influências ciganas para o circo brasileiro começam a reluzir feito ouro. Nos baús ciganenses há ainda muito o que se mostrar, desvelar, apresentar, narrar, desvendar, por nossas próprias vozes.

Minimamente, este traz vestígios de que as memórias e histórias dos ciganenses estão em larga medida soterradas, e oferece algumas pistas de que há muito por descortinar acerca da viva tradição circense partilhada entre diversas etnias ciganas no Brasil e no mundo. Por aqui, onde vivemos um processo de colonização cujas consequências seguem em fluxo, o apagamento, a invisibilização e marginalização de povos tradicionais que fizeram e fazem parte da construção social, cultural e histórica do país, foi e ainda segue sendo estratégia de diminuição e rebaixamento de sujeito/as às condições de submissão e indignidade.

Entretanto, métodos de pesquisa a exemplo da autoetnografia, avançam em sentido contrário, porque outrora objetos, passam a ser autores/as e sujeitos/as de pesquisas, a utilizando enquanto estratégia contracolonial de reparação social e racial, bem como para contracolonializar a literatura em vertentes diversas de expressões de linguagens, atuando em favor da contracolonização de PCTs, a exemplo dos ciganenses da família Fernandes, que trazem consigo desde as suas diásporas milenares, a incumbência de preservação da dupla tradição ciganense. Essas culturas igualmente merecem atenção e dedicação, tanto dos/as interessados/as na “ciência” contida nos saberes dos povos ciganenses, quanto mais dos que têm contribuído para a proliferação de imaginários populares negativos. Porque uma coisa é inferível: sem a colaboração dos Povos Ciganos, provavelmente os circos itinerantes não teriam sobrevivido muito tempo por aqui e pelo mundo, pois sempre estiveram debaixo das lonas, porque lona é para esses, moradia. Mas também meio de sobrevivência e filosofia de vida para estar no mundo.

E porque certamente a história do circo brasileiro seria outra não fosse os Povos Ciganos que também sustentaram, pela força ancestral, geracional, os mastros que fazem o circo itinerante erguidos até aqui, convocando os seus progenitores a também contribuírem para recontar essas histórias, que são permeadas de incomensuráveis contribuições artísticas nas artes circenses e na cultura do circo brasileiro, marcada por resistência e resiliência. Quem

sabe, novas percepções e olhares autoetnográficos possam corroborar sobremaneira neste processo de retomada cigana em curso na ciência brasileira, em um salto à transgressão.

Fecham-se as cortinas. E até a próxima Praça!...

REFERÊNCIAS

- ANDRICH CARI, María Elena; VALDÉS, Solange Díaz; PELEGRÍN, Alexis Páez. **Gitanos Circenses: investigación y documentación sobre el aporte de los gitanos circenses al circo chileno**. Santiago de Chile: Proyeto Financiado por el Fondo Nacional de Desarrollo Cultural y las Arte, 2022.
- BUENO, V. dos S. **Espacialidade e territorialidade dos grupos ciganos na cidade de São Paulo**, ms., 1990, p. 51.
- COLLINS, Patricia H. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics**. Rev. 10th anniversary ed. New York, Routledge, 2000.
- DAL GALLO, Fabio. **A etnografia na pesquisa em artes cênicas**. MORINGA-Artes do Espetáculo, v. 3, n. 2, 2012.
- DE AGUIAR, Juno Nedel Mendes. **Performatividades trans no circo: confabulando sobre estética, política e epistemologias dissidentes**. Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas, v. 1, n. 50, p. 1-19, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/25138>. Acesso em: 17. jul. 2025.
- DIAS, Maicon Vinícius Pereira. **Palhaços músicos: a música negra no picadeiro do Brasil**. São Paulo-SP: Editora Giostri, 2024.
- FERNANDES FILHO, R. R.; KARPOWICZ, D. **Entre história, tradição e educação: identidades e representações das mulheres no documentário Olho a'dentro – Povo cigano**. Ações afirmativas: políticas institucionais e experiências de estudantes cotistas. In: MARAUX, A; SANTOS, D; OLIVEIRA, V. (org.). Salvador: EDUNEB, p. 155 - 188, 2021.
- FERNANDEES FILHO, R. R; SANTOS, G. G dos. **Estudante nu espelho: o fazer autoetnográfico refletido em tendas de sentidos**. Observatório da vida estudantil: compreensões e trilhas teórico-metodológicas. In: SAMPAIO, S. M. R.; SANTOS, G. G DOS; BORJA, M. E. L. B. (Orgs.). Salvador: EDUFBA, 2023.
- GUIMARAIS, M. T. S. **O associativismo transnacional cigano: identidades, diásporas e territórios**. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da Liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
- KARPOWICZ, Débora Soares. **Ciganos: História, Identidade e Cultura**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- LOPES, Daniel de Carvalho; GUIMARAIS, Marcos Toyansk; SILVA, Erminia. **Circenses e Ciganos: caminhos que se cruzam**. Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 15, n. 2, p. e139918, 2025.
- MACÊDO, S. **Romanipen nas margens: o triângulo marrom, diáspora e a movimentação de mulheres romani**. In: SAMYN, Henriques Marques; ARAO, Lina. Feminismos dissidentes: Perspectivas interseccionais. 1ª. ed. [S. l.]: Jandaíra, 2021.
- MENINI, N. C. R. **“Indesejáveis necessários: os ciganos degredados no Rio de Janeiro Setecentista**. 2021, 189 f. Tese (Doutorado). Programa Pós-graduação em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2021.
- NEPOMUCENO, L. **Vai, vai, vai começar a brincadeira: em meios a uma gargalhada tradicional, algumas notas históricas do desenvolvimento do circo no Brasil**. Revista

Inter-Legere, [S. l.], n. 5, 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4615>. Acesso em: 11 jul. 2023.

OLIVEIRA, J. A. de. **“Uma história do circo”**. In: FERREIRA, C. M. (org.), **Circo-tradição e arte**, Rio de Janeiro, Museu do Folclore Edison Carneiro/ FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1987, p. 14.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

SERENA, A.; DAL GALLO, F. **A extraordinária viagem dos artistas italianos: história da itinerância dos circenses tricolores**. Repertório, Salvador, ano 23, n. 34, p. 12-38, 2020.

SILVA, Ermínia. **Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil**. Digitaliza Conteúdo, 2022.

SILVA JÚNIOR, A. de A. **A liberdade na aprendizagem ambiental cigana dos mitos e ritos Kalon**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso – Cuiabá (MT), 2009.

SILVA JÚNIOR, A. de A. **Produção social dos sentidos em processos interculturais de comunicação e saúde: a apropriação das políticas públicas de saúde para ciganos no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro, 2018. 504 f.; Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Informação e Comunicação e Saúde, FIOCRUZ, 2018.

SILVA, V. S. **Devir cigano: o encontro cigano-não cigano (rom-gadjé) como elemento facilitador do processo de individuação**. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

TEIXEIRA, R. C. **Ciganos no Brasil: uma breve história**. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

TORRES, Antônio. **O circo no Brasil**. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.